

**A liberdade de comunicação, e a performance em estimular
comportamentos na era informacional**

**Freedom of communication and performance in stimulating behavior
in the information age**

André Magalhães Coelho¹.

DOI: <https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.2025.v16.1214>

Resumo

No cenário da sociedade informacional positiva, a dominação se revela como uma liberdade de comunicação, onde as técnicas de poder neoliberais são assimiladas. Não importa se o influenciador atua no universo fitness, da beleza, das viagens ou da política; a incessante evocação de liberdade, criatividade e autenticidade está sempre presente. As publicidades, que se entrelaçam com suas performances, não transmitem a sensação de monotonia. No Brasil, temos testemunhado políticos que se metamorfoseiam em influenciadores, sendo venerados como verdadeiros ícones; a política se resume a encenações midiáticas de grande escala. Nos debates televisivos, o foco não repousa nos argumentos, mas no desempenho. O discurso se transforma em espetáculo e propaganda, prevalecendo informações que engajam mais do que os mais robustos argumentos. O propósito deste texto é refletir como as mídias digitais se configuram como um palco onde sujeitos interagem com robôs de opinião, enquanto indivíduos se deixam influenciar por eles, cujas intenções permanecem encobertas. Para esta análise, utilizaremos as obras do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han.

Palavras-chave: Mídias Digitais; Informacional; Performance; Liberdade de Comunicação.

¹ Doutor em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre em Ciências da religião pela Universidade Metodista de São Paulo e pós-doutorando pela mesma instituição (UMESP). Orcid: 0000-0003-1143-1407. E-mail: magalhaescoelhoa@gmail.com.

Abstract

In the context of the positive information society, domination is revealed as a freedom of communication, where neoliberal power techniques are assimilated. It does not matter if the influencer works in the world of fitness, beauty, travel or politics; the incessant evocation of freedom, creativity and authenticity is always present. Advertisements, which intertwine with their performances, do not convey a sense of monotony. In Brazil, we have witnessed politicians who metamorphose into influencers, being venerated as true icons; politics is reduced to large-scale media performances. In televised debates, the focus is not on arguments, but on performance. Discourse becomes a spectacle and propaganda, with information that engages more than the most robust arguments prevailing. The purpose of this text is to reflect on how digital media is configured as a stage where subjects interact with opinion robots, while individuals allow themselves to be influenced by them, whose intentions remain hidden. For this analysis, we will use the works of the South Korean philosopher Byung-Chul Han.

Keywords: Decolonial philosophy; Simone Wei;. Malcom Ferdinand.

Keywords: Digital Media. Informational. Performance. Freedom of Communication.

Introdução

Referimo-nos ao regime de informação como o modo de dominação em que a erudição e seu processamento, através de algoritmos e inteligência artificial, impactam significativamente os processos sociais, econômicos e políticos. Em contraste com o sistema disciplinar, não são corpos e energias que são objeto de exploração, mas sim dados e detalhes.

Assim, não é a posse dos meios de produção que se torna crucial para a conquista de poder, mas sim o acesso a dados utilizados para vigilância, controle e previsão do comportamento psicopolítico. O regime de comunicação está intrinsecamente ligado ao capitalismo de erudição, que se desdobra em um capitalismo de vigilância, reduzindo os seres humanos a meros rebanhos, a animais de consumo e a dados.

A condução disciplinar caracteriza-se como a forma de dominação típica do capitalismo industrial. Ele assume uma forma mecânica. A inteligência artificial impacta de maneira significativa os processos sociais, econômicos e políticos. Com o sistema regulatório, não são corpos e energias que são objeto de exploração, mas sim informações e detalhes. Portanto, não é a posse dos meios de produção que se torna vital para a conquista de poder, mas sim o acesso a dados empregados para isso. Corpos

dóceis, enquanto máquinas de produção, não carregam dados e informações, mas sim energia.

Na gestão disciplinar, os seres humanos são condicionados a se tornarem objetos de trabalho. O capitalismo da informação, fundamentado na comunicação e na conexão, torna obsoletas as técnicas disciplinares como o isolamento espacial, a regulamentação rigorosa do trabalho ou o condicionamento corporal. A capacidade de aprender, implica obediência ou maleabilidade, não é o ideal do governo de informação.

O sujeito submisso desse regime não é nem dócil, nem obediente. Pelo contrário, presume-se livre, autêntico e criativo. Produção e performance são suas marcas.

No contexto do regime disciplinar de Foucault, o isolamento é aplicado como meio de dominação, o isolamento é a primeira condição da submissão total.

Significativamente os processos sociais, econômicos e políticos. Em contraste com o sistema regulatório, não são corpos e energias que são objeto de exploração, mas sim informações e dados. A supervisão no contexto dos dados ocorre por meio de detalhes.

Os reclusos isolados do panóptico disciplinar não produzem dados, não deixam rastros, pois não se comunicam.

O alvo do poder disciplinar biopolítico é o corpo para a sociedade capitalista, é a biopolítica que conta o biológico, o somático, o corporal.

Impactam significativamente os processos sociais, econômicos e políticos. Em contraste com o sistema disciplinar, não são entidades e forças que são objeto de exploração, mas sim dados. Portanto, não é a propriedade dos meios de produção que é vital para obter poder, mas o acesso aos dados utilizados. Hoje, o corpo é, em primeira instância, um objeto da estética e do bem-estar físico. Ele se encontra, ao menos no capitalismo ocidental da informação, em grande parte livre do poder disciplinar que o condiciona a se tornar uma máquina do trabalho.

O discurso transforma-se em um espetáculo envolvente e em uma forma de propaganda, onde prevalecem informações que atraem mais atenção do que os argumentos mais sólidos. O propósito deste texto é refletir como as mídias digitais se estabelecem como um palco dinâmico onde políticos se comunicam com robôs de opinião, enquanto os cidadãos, muitas vezes inconscientes, se deixam levar por essas influências, cujas intenções permanecem nas sombras. Para essa investigação, recorreremos às ideias do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han.

Sociedade positiva na era da informação

Atualmente, nenhum tema ressoa tanto no discurso público como a questão da transparência. Este conceito é frequentemente invocado e associado à liberdade de informação.

A busca por clareza, onipresente, se intensifica de tal forma que se converte em um fetiche e um tópico abrangente, refletindo uma mudança de paradigma que não se limita apenas à política e à sociedade. Dessa forma, a comunidade da negatividade dá lugar a uma configuração na qual a negatividade é progressivamente desconstruída em prol da positividade. Assim, o coletivo da transparência se transforma em uma coletividade positiva.

As coisas se mostram transparentes quando se despojam de qualquer negatividade, quando se tornam superficiais e planas, encaixando-se sem resistência ao fluxo raso do capital, da comunicação e da informação. As ações ganham transparência ao se converterem em operacionais, ao se submeterem a processos que podem ser calculados, governados e controlados.

O dinheiro, que iguala tudo, dissolve qualquer incomensurabilidade, qualquer singularidade das coisas. Portanto, a sociedade da transparência se desvela como um abismo infernal do igual (Han, 2017, p. 8).

Aqueles que vinculam a transparência unicamente à corrupção e à liberdade de informação ignoram o seu alcance. Trata-se de uma coação sistêmica que permeia todos os processos sociais, submetendo-os a uma modificação profunda. "Transparência" se transforma em um fetiche e um tópico abrangente, refletindo uma mudança de paradigma que não se limita apenas à política e à sociedade.

O discurso transparente é formal; sim, um jargão mecânico e operacional que elimina toda ambivalência. Na palavra, ninguém pensa justa e precisamente aquilo que o outro pensa, e por menor que seja a diferença, ela oscila, como um círculo na água, e atravessa toda a linguagem. Todo compreender é ao mesmo tempo um não compreender; toda concordância de pensamentos e sentimentos é igualmente uma divergência.

Um mundo apenas de informações, com comunicação limitada à circulação de dados e livre de perturbações, seria apenas uma máquina (Han, 2017).

A sociedade positiva é dominada pela transparência e obscenidade da informação em uma articulação tal, que já não há mais qualquer acontecimento. A coerção por transparência reduz o ser humano a um elemento funcional de um sistema. É nesse ponto que reside à violência da transparência

A alma humana necessita, por sua natureza, de esferas onde possa estar consigo mesma, longe do olhar do outro. Esse espírito possui uma impermeabilidade intrínseca.

Uma total “iluminação” carbonizaria a alma e provocaria nela uma forma de *burnout* psíquico. Somente a máquina é transparente; a espontaneidade – a capacidade de fazer acontecer – e a liberdade, que constituem a vida, não toleram transparência. Assim, também é sobre a linguagem: No ser humano pode surgir algo cuja razão não encontre explicação nas circunstâncias precedentes; e feriríamos precisamente a verdade histórica de seu surgimento e transformação se quiséssemos dele excluir a possibilidade dessas manifestações inexplicáveis.

A ideologia da pós-privacidade é ingênua. Sob a bandeira da claridade, exige a aniquilação da esfera privada, que resultaria em uma comunicação cristalina, mas se baseia em equívocos. O ser humano não é claro nem para ele próprio. Segundo Freud, o eu nega o que o inconsciente afirma e deseja. O *id* permanece oculto no *ego*. Assim, na psique humana, surge uma brecha que impede o *ego* de coincidir consigo mesmo. É essa brecha fundamental que obstrui a autenticidade total. Entre as pessoas, há um abismo (Han, 2017, p.9).

Assim, o conjunto da nitidez se transforma em uma coletividade positiva. Diante do *pathos* da clareza que permeia a sociedade contemporânea, seria necessário cultivar o *pathos* da distância. Vergonha e distância não podem ser integradas no círculo acelerado do capital, da informação e da comunicação, para que não sejam suprimidos, em nome da claridade, os refúgios discretos, tornando-se iluminados e saqueados.

Com isso, o mundo se torna mais despojado. A autonomia pressupõe a liberdade de não compreender o outro. Em vez de uma igualdade da compreensão, de uma igualdade transparente, autonomia significa que aceitamos o que não se compreende no outro – uma igualdade opaca.

Além disso, uma relação clara é uma relação morta, à qual falta toda e qualquer atração, toda e qualquer vivacidade; límpida é apenas o que já está sem vida. Reconhecer que existe uma esfera positiva e produtiva da existência e coexistência

humanas, que legitimamente rege a coação da transparência, seria um novo iluminismo (Han, 2017).

Nesse sentido, o novo não é suficiente que vejas em que ignorância vive o homem e o animal; também deves ter, e também aprender, a vontade para a ignorância. É necessário que compreendas que sem esse tipo de ignorância a própria vida seria algo impossível, que ela é uma condição única para o vivente se manter e prosperar.

Está comprovado que um maior volume de informações não resulta necessariamente em decisões mais acertadas. Frequentemente invocado e associado à liberdade de dados. A busca por clareza, onipresente, se intensifica de tal forma que se converte em um *fetich*e e um tópico abrangente, refletindo uma mudança de paradigma que não se limita apenas à política e à sociedade. Dessa forma, a não é raro que negatividade do abandono e do esquecimento tenha um efeito produtivo. A sociedade da transparência não tolera lapsos de informação nem lapsos visuais, mas o pensamento e a inspiração necessitam de um intervalo (Han, 2017, p. 11).

Big Data e a política

Dataístas² vislumbram uma sociedade que se sustenta sem a intervenção política. Eles entendem que, quando uma estrutura coletiva alcança estabilidade satisfatória - ou seja, amplo consenso sobre o sistema em todas as camadas sociais - a ação governamental tradicional se torna obsoleta. Essa ação não é mais necessária para criar um novo estado de comunidade. Em contextos em que os conflitos de classe e de interesse são raros, a existência de partidos governamentais também perde importância.

Essas facções tornam-se indistintas entre si. Os dataístas argumentam que partidos e ideologias só têm significado em uma comunidade caracterizada por desigualdades sistêmicas, como injustiças comunitárias ou de classe em larga escala. Sob a perspectiva dataísta, a democracia partidária poderá não existir mais em breve, podendo ser substituída pela ordem digital democrática, uma forma de pós-democracia digital.

Políticos serão substituídos por especialistas e técnicos em informática, que tomarão a gestão da sociedade com pressupostos ideológicos e independentes de

2 Dataísta é uma expressão que começou a designar a adoração aos dados como a principal chave para decifrar a realidade, uma perspectiva que emergiu entre os inovadores da tecnologia.

interesses de poder. Política cederá espaço ao gerenciamento guiado por dados do sistema (Han, 2022b, p.46).

Decisões socialmente significativas serão tomadas por meio do *Big Data* e da *inteligência artificial*, mas essas decisões se tornarão secundárias.

O que a otimização do sistema social promete não é apenas um avanço na comunicação, mas sim um aprimoramento de dados e algoritmos inteligentes, a felicidade coletiva.

Inspirado pelo método estatístico do século XVIII, Rousseau desenvolveu uma racionalidade aritmética que se fundamenta na ideia de sem comunicação. Essa abordagem se opõe à racionalidade comunicativa. Rousseau concebe a vontade geral como uma medida puramente numérica e matemática, que se encontra além da ação comunicativa. Não é a comunicação, mas sim a operação aritmética, um algoritmo, que examina a vontade geral. Também perdem relevância. Essas facções tornam-se indistintas entre si. Ao eliminar os excessos e as carências das vontades individuais, sobram as diferenças que se unem, resultando na vontade geral, conforme expõe. Essa vontade geral representa a soma das aspirações coletivas, que se consolidam a partir do equilíbrio entre os desejos pessoais (Rousseau, 2000, pp. 91-92).

Traduzindo para a linguagem dos dataístas, a tese de Rousseau é a seguinte, quanto mais variáveis de dados estiverem disponíveis, mais autêntica será a vontade geral apurada. Rousseau é, portanto, o primeiro dataísta. Sua racionalidade aritmética, que abdica do discurso e da comunicação, se aproxima da racionalidade digital. O estatístico de Rousseau foi substituído, no regime da informação, pelo especialista em tecnologia da informação. A inteligência artificial deve calcular, usando o *Big Data*, a vontade geral, ou seja, o “melhor geral” de uma sociedade (Han, 2022b, p.47).

A racionalidade comunicativa se baseia na autonomia e na liberdade dos indivíduos. Os dataístas, portanto, defendem um *behaviorismo*³ *digital* que rejeita a noção de uma pessoa livre agindo de maneira autônoma. Como *behavioristas*, acreditam que o comportamento de um indivíduo pode ser previsto e orientado com precisão. O conhecimento abrangente torna obsoleta a liberdade individual. Sua abolição já deveria

³ O termo Behaviorismo deriva da palavra em inglês Behavior, que se traduz como comportamento. Também conhecido como Comportamentismo ou Comportamentalismo, o Behaviorismo concentra-se na análise do comportamento humano.

ter ocorrido há tempos, o ser humano independente é um conceito que utilizamos para elucidar o que não podemos esclarecer de outra forma.

À medida que nosso conhecimento se expande, o conceito do ser humano autônomo, fruto de nossa ignorância, se dissolve progressivamente.

Analistas de dados vislumbram uma sociedade que se sustenta sem a intervenção política. Eles entendem que, quando uma estrutura coletiva alcança estabilidade satisfatória - ou seja, amplo consenso sobre o sistema em todas as camadas sociais - a ação governamental tradicional se torna obsoleta. Essa ação não é mais necessária para criar um novo estado de comunidade.

Os dataístas acreditam que as pessoas não se distinguem fundamentalmente de abelhas ou macacos, a força da sociofísica advém do fato de que nossas ações diárias são quase continuamente habituais e, em grande parte, baseadas no que aprendemos observando o comportamento dos outros. Isso significa que podemos observar pessoas tanto quanto macacos ou abelhas e que podemos deduzir regras de comportamento, reação e aprendizado a partir disso.

As pessoas são equipadas com chamados sociômetros que registram meticulosamente seus comportamentos, incluindo a linguagem corporal, gerando assim uma imensa quantidade de dados comportamentais.

Com sensores digitais torna toda a sociedade calculável e governável, em poucos anos, teremos dados abrangentes sobre o comportamento da humanidade inteira – e essa quantidade só tende a aumentar. Assim que desenvolvemos uma visualização precisa do modelo da vida humana, poderemos esperar entender e dirigir nossa sociedade moderna de um modo mais alinhado com nossa complexa rede de humanidade e tecnologia (Han, 2022b, p.48).

Dataístas veem a sociedade como um organismo funcional. Apenas uma complexidade elevada a distingue de outras entidades biológicas. Dentro da sociedade enquanto organismo, não há reivindicação de validade. Entre os órgãos, não ocorre discurso. O que importa é apenas uma troca eficiente de informações entre unidades funcionais, garantindo assim um desempenho superior. A política e o governo são substituídos pelo planejamento, controle e condicionamento.

Para os dataístas, essa intensa procura por liberdade e democracia pode parecer um eco distante de um período que já passou. A ideia de um ser humano fundamentado na autonomia e na liberdade individual, na “vontade de querer”, terá, sob a ótica

dataísta, uma duração relativamente breve. Eles poderiam concordar com a morte do indivíduo que Foucault já mencionava em "as Palavras e as Coisas", o indivíduo é uma invenção cuja data recente a arqueologia do nosso pensamento revela facilmente. E talvez seu fim esteja próximo. Portanto, é razoável supor que o ser humano desaparecerá, como um rosto de areia na margem do oceano (Han, 2022b, p.50).

Esse oceano, cujas ondas fazem o rosto desaparecer na areia, é, então, um vasto universo de dados. O ser humano se dissolve nele em um registro de informações em redes digitais.

O digital e a abolição da solidez factual

A ordem digital dissolve a rigidez do factual de maneira geral, sim, desestabiliza a essência do ser, ao abarcar a totalidade da produtibilidade. Na eficiência total, não existe nada que não possa ser revertido ou anulado. A digitalização, ou seja, o mundo informatizado, não possui consistência ou robustez. Pelo contrário, é flexível e manipulável conforme a vontade.

A digitalização se opõe à factualidade. Ela enfraquece a consciência factual e a percepção da realidade. A produtibilidade total é, igualmente, a essência da fotografia eletrônica. A imagem analógica testemunha ao observador a existência do que é. Certifica a facticidade do "foi-assim".

Ela revela o que existe. A verdade da captura visual reside no "foi-assim" ou "isso-existe-também". Já a fotografia digital aniquila a facticidade como realidade. Ela cria uma veracidade que não é autêntica por descartar a verdade como referência (Han, 2022b, p. 59). Não se pode compreender o mundo com uma infinidade de informações. Após um certo ponto, elas chegam a ofuscar a percepção do mundo. Reformulação, na eficiência máxima, nada é irrevogável ou imutável. A digitalização, ou seja, o universo digital, não detém solidez ou força. Pelo contrário, é maleável e manipulável conforme o desejo. A era digital, na sociedade da informação, perdemos a confiança essencial. É a sociedade marcada pela desconfiança.

Sociedade da informação acentua a experiência da contingência. Perturba a essência do ser, ao englobar a totalidade da produtibilidade. Na eficiência máxima, não existe nada que não possa ser revertido ou anulado. A digitalização, ou seja, o mundo

digital, não possui solidez ou firmeza. Pelo contrário, é adaptável e manipulável conforme a vontade.

A digitalização se contrapõe à factualidade. Ela enfraquece a consciência dos fatos e a percepção. O modelo fundamental da ambivalência assume a cada momento novas formas, mas a ambivalência permanece a mesma. Talvez seja isso que se tenha em vista quando se fala da sociedade da informação. Os dados são aditivos e acumulativos. No entanto, a realidade é narrativa e exclusiva. Há uma superabundância de informações, existe uma poluição de conhecimentos.

A verdade, portanto, não é abundante. Ela se opõe aos dados de várias maneiras. O mundo informatizado não possui solidez ou robustez. Em vez disso, é flexível e manipulável conforme a vontade (Han, 2022b, p. 60).

Mesmo a verdade discursiva, segundo Habermas (1990, p. 68), possui uma dimensão teológica. É a promessa de obter um consenso racional sobre o dito. Em termos de eficácia plena, não há nada que não possa ser modificado ou cancelado.

A digitalização, em outras palavras, o universo computadorizado, não detém solidez ou vigor. Ao invés disso, é maleável e controlável conforme necessário. Isso significa que as afirmações devem resistir aos contra-argumentos possíveis e alcançar anuência entre todos os participantes potenciais do discurso. A verdade discursiva, enquanto entendimento e consenso, zela por uma coesão social. Ela estabiliza a sociedade ao eliminar a contingência e a ambivalência.

A crise da verdade é, sempre, uma crise da sociedade. Sem autenticidade, a comunidade desintegra-se internamente. Ela se mantém unida apenas por relações externas, instrumentais e econômicas. As avaliações recíprocas, por exemplo, que hoje se praticam em toda parte, destroem a relação humana ao submetê-las a uma comercialização total. Todos os valores humanos são hoje submetidos à lógica econômica e transformados em mercadoria. A sociedade e a cultura se transformam, portanto, em tipos de produtos. Mercadoria substitui a verdade (Han, 2022b, p. 61).

Influenciadores digitais e a política

Na disputa pela prefeitura de São Paulo em 2024, notamos a tecnologia sendo empregada para disseminar as propostas que os candidatos pretendem implementar,

caso sejam eleitos. Contudo, também assistimos as narrativas de ataques direcionados contra os adversários políticos.

As mídias digitais transformaram-se em um campo fértil para informações, mas igualmente para desinformações e manipulações psicológicas, atraindo indivíduos que se encontram atualmente imersos nessas plataformas *online*. Atualmente, a tecnologia se apropria do cotidiano e oferece possibilidades cada vez mais valiosas para as sociedades contemporâneas. A comunicação digital, com as plataformas de serviços como sites e aplicativos, além de outras variantes que habitam a rede, já integra tanto a rotina das pessoas quanto das instituições.

Hoje, a internet se tornou um complemento essencial na vida dos indivíduos. O *offline* agora se transforma em uma extensão do *online*. As práticas presenciais foram transpostas para o universo virtual, naturalmente com um certo limite. As experiências no mundo digital dialogam com as vivências no mundo físico (Coelho, 2024, p. 26).

A tecnologia, portanto, emerge como um componente essencial na interação entre os indivíduos, além de fomentar novas maneiras de estabelecer laços e compartilhar vivências. O sociólogo Manuel Castells ressalta que a tecnologia já deixou sua marca na dinâmica social (Castells, 2011).

A revista Forum⁴ publicou uma matéria em 24 de agosto de 2024, comentando uma decisão da justiça eleitoral, que Pablo Marçal, influenciador digital, teve suas redes sociais suspensas. Candidato à prefeitura de São Paulo pelo PRTB, a equipe de campanha do influenciador de autoajuda substituiu suas fotos de perfil por uma em que aparecem com a boca coberta por uma tarja preta. Dessa forma, ao tentar acessar a conta, o usuário se depara com uma mensagem indicando que a página não está disponível, acompanhada da imagem de Marçal amordaçado, transmitindo a ideia de que ele foi alvo de censura.

Entretanto, não se trata de censura. A decisão judicial, da qual Pablo Marçal já recorreu, alegando que se trata de "censura prévia", não se relaciona com outros casos que o Brasil acompanhou recentemente envolvendo, por exemplo, perfis de influenciadores ou políticos bolsonaristas sob ordens do ministro Alexandre de Moraes, do STF. No caso de Marçal, as contas não foram suspensas em decorrência de algo que ele tenha afirmado ou pela disseminação de desinformação, mas sim porque ele

⁴ Disponível em: <https://revistaforum.com.br/brasil/2024/8/24/urgente-juiz-suspende-perfis-de-pablo-maral-pagos-para-propagar-odio-fake-news-nas-redes-164427.html>. Acesso em 6 set. 2024.

infringiu as regras eleitorais que proibem o impulsionamento de contas e conteúdo online.

A legislação eleitoral é bastante clara: os candidatos não podem pagar para que outros perfis realizem propaganda eleitoral em seu nome. E o juiz considerou que existem evidências substanciais de que Pablo Marçal ofereceu compensação para que proprietários de outras contas nas redes sociais criassem e divulgassem cortes de seus vídeos, contribuindo para aumentar o número de seguidores de suas contas oficiais.

A suspeita sobre Pablo Marçal é que ele ofereceu remuneração ou vantagens econômicas a terceiros para favorecer sua candidatura, promovendo seus conteúdos e contas. Ele mesmo abordou essa estratégia de forma aberta durante a pré-campanha. Em uma palestra realizada recentemente, ele detalhou sua tática de campeonato de cortes, prometendo enriquecer aqueles que virilizassem propaganda favorável a ele. Na palestra gravada no YouTube, Marçal declara:

Deve ter aí no mínimo uns 300 alunos meus ficando ricos sem colocar a imagem deles, só pondo a minha. O que você faz? Você pega o corte de uma coisa muito forte que eu estou fazendo, lança esse corte, e se você for bem-sucedido, a minha equipe vai te chamar para uma parceria⁵.

Como era de se esperar, Marçal reagiu à suspensão de seus perfis de duas maneiras. Primeiramente, assumindo o papel de vítima do “sistema”, essa entidade temida pelos conspiracionistas. Em segundo lugar, ele se apressou em solicitar, por meio das redes ainda operacionais, antes que fossem desativadas, que seus seguidores se inscrevessem em suas contas alternativas.

Ele tinha essa liberdade porque a decisão do juiz, acertadamente, apenas determinou a suspensão das contas que Marçal já possuía e que aumentaram em número de seguidores devido ao suposto impulsionamento ilegal. No entanto, ele pode estabelecer registros adicionais, desde que não repita a prática. Dentro de 24 horas, os novos perfis de Marçal superaram seus oponentes em número de seguidores.

As novas contas de Marçal já tinham mais seguidores que seus oponentes. Por exemplo, no Instagram, ele já havia superado os 2,3 milhões de seguidores de Boulos.

Para Han, (2022b),

São, assim, especialmente procuradas e cobiçadas, enquanto anúncios convencionais no YouTube são excluídos pelo [...]. Os *influencers* são adorados como modelos. Tudo assume, desse modo, uma dimensão religiosa.

⁵ YOUTUBE. Palestra de Pablo Marçal. Disponível em: https://www.youtube.com/shorts/j_ag8Z_8dNg. Acesso em 10 set. 2024.

Influenciadores do tipo de treino motivacional se comportam como se fossem redentores. Os *Followers*, os seguidores, se comportam como discípulos, participando de sua vida, na medida em que compram produtos que pretendem consumi-los em seu próprio cotidiano encenado. Os *followers* participam, assim, de uma *eucaristia digital*. Mídias sociais se assemelham a uma igreja: *Like é amém. Compartilhar é comunicação. Consumo é redenção*. A repetição como dramaturgia do *influencer* não leva ao tédio e à rotina. Ao contrário, dá ao todo o *caráter de uma liturgia*. Ao mesmo tempo, os influenciadores deixam aparecer produtos de consumo como utensílios de autorrealização (p.14, grifo do autor).

Hoje em dia, qualquer pessoa com acesso à internet tem a capacidade de criar seu próprio canal de disseminação de informações. A tecnologia digital permite que os custos de acesso a dados sejam reduzidos a quase zero. Com um mínimo de esforço, é possível, de maneira rápida e gratuita, estabelecer uma conta no *Twitter* ou uma plataforma no YouTube. Entretanto, na era das mídias de massas, os custos de produção de informações são extraordinariamente altos. A criação de um canal de notícias demandava um esforço considerável (Han, 2022b, p. 27).

Assim, na sociedade das mídias tradicionais, faltava uma infraestrutura para a produção em larga escala de desinformação.

Embora a televisão possa ser considerada um império da aparência, ela ainda não se configura como uma fábrica de desinformações. A midiocracia, entendida como *telecracia*, fundamenta-se em *shows* e entretenimento, e não na propagação de notícias falsas e desinformações. Somente com a conexão digital se estabeleceu a condição estrutural necessária às rejeições *infocráticas* da democracia. A midiocracia transforma a campanha eleitoral em uma batalha de encenações provenientes das mídias de massas (Han, 2022b, p.28).

O discurso foi substituído por um espetáculo que atrai o público. A televisão, como a principal mídia da midiocracia, opera como um palco político. Na infocracia⁶, por outro lado, a campanha eleitoral deteriora-se em uma batalha de informações. O *Twitter* não é um palco midiocrático, mas sim uma arena infocrática. Para Trump, no debate eleitoral nos Estados Unidos, o objetivo não é simplesmente apresentar uma boa performance; na verdade, ele trava uma guerra implacável da informação.

6 A infocracia representa um momento que antecede a manifestação da vontade pessoal. É a fase em que os indivíduos assimilam informações sobre o mundo, transmitidas pelo jornalismo, e as convertem em conhecimentos que fundamentam suas opiniões e posicionamentos. Nesse contexto, o fluxo de informações recebido por cada pessoa se torna crucial na construção do saber.

Atualmente, as guerras de informação são travadas com todos os recursos técnicos e psicológicos imagináveis. Nos Estados Unidos e no Canadá, os eleitores recebem ligações automatizadas e são bombardeados com notícias falsas. Exércitos de *trolls* se infiltram nas campanhas eleitorais ao espalhar desinformações e teorias da conspiração cuidadosamente elaboradas.

Bots sociais, contas-fake autônomas nas redes sociais, se disfarçam como pessoas reais e publicam, *tweetam*, curtem e compartilham conteúdo. Essas ações propagam desinformações, calúnias e discursos de ódio. Dessa forma, cidadãos estão sendo substituídos por robôs que geram votos em massa a custo zero, moldando o ambiente político.

Debates políticos são distorcidos em larga escala. Além disso, os números de seguidores são inflacionados de maneira artificial, simulando um poder de opinião que, na verdade, não existe. Com seus *tweets* e comentários, esses *bots* podem alterar o ambiente das perspectivas nas redes sociais em uma direção específica. Pesquisas indicam que uma pequena fração de *bots* é suficiente para transformar o panorama das opiniões. Embora não influenciem diretamente a decisão eleitoral, eles manipulam o ambiente em que essa decisão ocorre, expondo os eleitores a essa influência de forma inconsciente (Han, 2022b, p. 29).

Assim, a tecnologia, como o *smartphone*, torna-se um campo de trabalho móvel em que nos aprisionamos voluntariamente. O dispositivo portátil também funciona como suporte, ao nos expormos de maneira deliberada. Ele atua como um confessorário móvel, continuando o “domínio sacral do confessorário”, mas de uma forma nova. A plataforma no YouTube.

No entanto, na era das mídias de massas, os custos de produção de informações são extraordinariamente altos.

A criação de um canal de notícias exigia um esforço significativo. Portanto, na sociedade das mídias convencionais, faltava uma infraestrutura para a fabricação em larga escala de desinformação. Como um dispositivo de submissão, ele se assemelha a um rosário, sendo tão portátil e prático quanto um *gadget* digital. O *like* é, portanto, o amém digital.

Ao clicarmos no botão *like*, nos submetemos ao contexto de dominação. Plataformas como *Facebook* ou *Google* emergem como novos suseranos. Trabalhamos incansavelmente em suas terras, produzindo dados valiosos que eles depois consomem.

Sentimo-nos livres, mesmo sendo completamente explorados, monitorados e controlados. Em um sistema que extrai a liberdade, a resistência não se forma. A dominação se concretiza quando se alinha com a liberdade (Han, 2022a, p. 29).

Ao se deixarem levar pelo ambiente das redes, os políticos são diretamente influenciados por *bots* sociais em suas decisões.

A democracia enfrenta um risco iminente onde quer que cidadãos interajam com robôs de opinião, permitindo-se manipular por eles, em que operadores, cujas origens e intenções são totalmente obscuras, se intrometam nos debates políticos. Na campanha eleitoral, que se torna uma guerra de informações, não são os melhores argumentos que prevalecem, mas sim algoritmos inteligentes. Nessa batalha pela informação, não há espaço para o discurso.

Considerações finais

Este texto se propôs a explorar, à luz das reflexões do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, de que forma a sociedade informacional otimista elabora estratégias de dominação e se disfarça como liberdade de comunicação, onde se entrelaçam as táticas de poder neoliberais.

Verificamos que, mesmo de forma autônoma, o influenciador digital desempenha um papel como produtor de conteúdo em temas como fitness, beleza, viagens e política. A incessante invocação de liberdade, criatividade e autenticidade está sempre em destaque.

Observamos, ao longo do estudo, que no Brasil temos presenciado a transformação de legisladores em influenciadores, sendo idolatrados como autênticos ícones; a política se resume a performances midiáticas em grande escala. Nos debates televisivos, a atenção não se volta para os argumentos, mas sim para o desempenho.

O discurso se transforma em espetáculo e propaganda, prevalecendo as informações que geram mais engajamento do que os argumentos mais robustos. Por fim, o artigo refletiu sobre como as mídias digitais se configuram como um palco, onde políticos interagem com robôs de opinião, enquanto os indivíduos se deixam influenciar por eles, cujas intenções permanecem encobertas.

Referências

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede: A era da informação*. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, vol. 1, 2011.

COELHO, André Magalhães. *O espaço virtual, e a vida comunitária (Neo)pentecostal*. Experiência em tempos de Covid-19. Rio Grande do Sul: Fi, 2024.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade da transparência*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

_____. *Não-coisas*. Reviravoltas do mundo da vida. Tradução de Rafael Rodrigues Garcia. Petrópolis: Vozes, 2022a.

_____. *Infocracia*. Digitalização e a crise da democracia. Tradução de Gabriel S. Philipson. Petrópolis: Vozes, 2022b.

HABERMAS, J. *Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

REVISTA FORUM. *Juiz suspende perfis de Pablo Marçal*. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/brasil/2024/8/24/urgente-juiz-suspende-perfis-de-pablo-maral-pagos-para-propagar-odio-fake-news-nas-redes-164427.html>. Acesso em 6 set. 2024.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Do contrato social*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

YOUTUBE. *Palestra de Pablo Marçal*. Disponível em: https://www.youtube.com/shorts/j_ag8Z_8dNg. Acesso em 10 set. 2024.

Recebido em: 17/09/2024

Aprovado em: 01/02/2025